Revelação

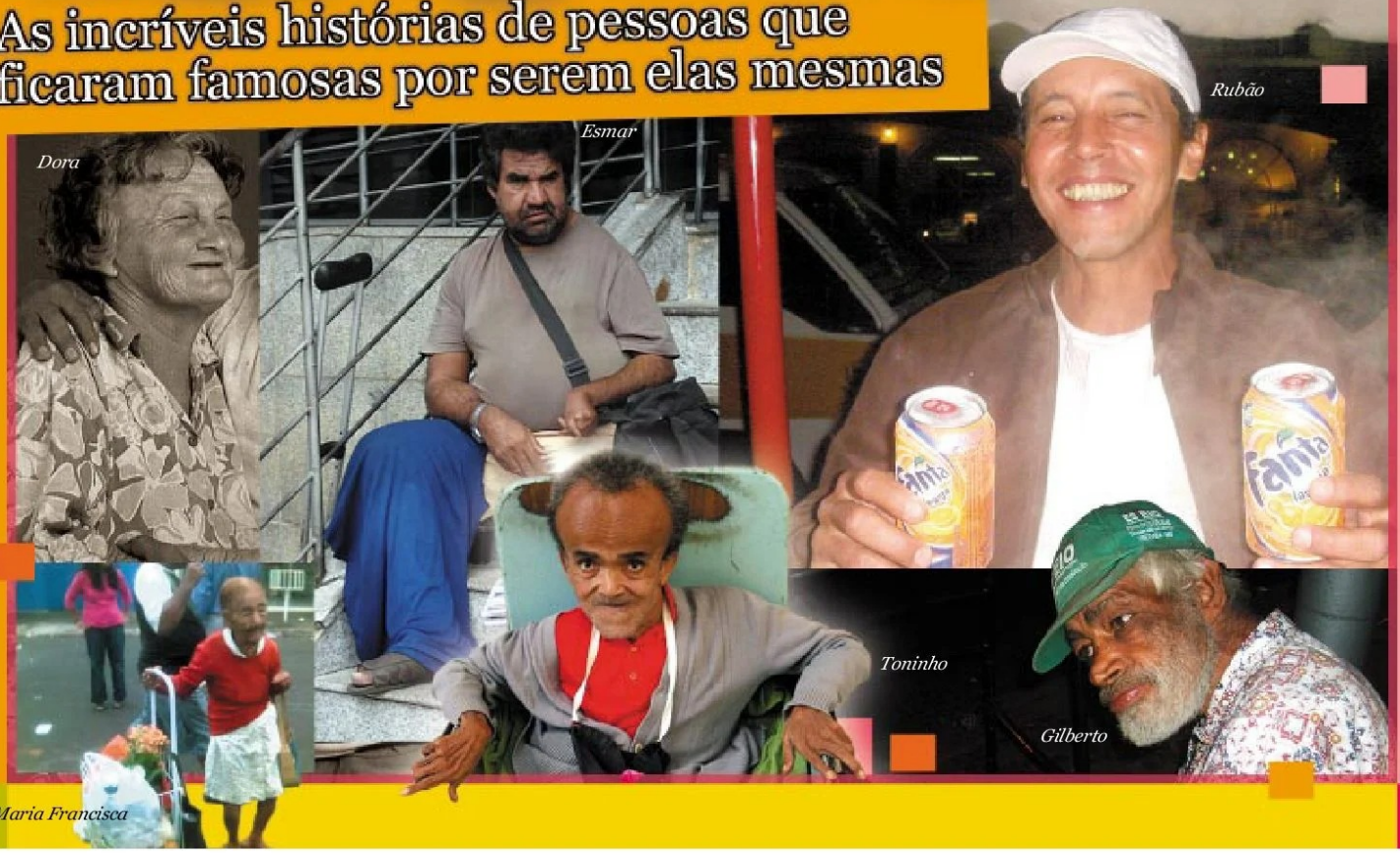
Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano VIII • nº 334 • Uberaba/MG • Junho de 2007

UNIUBE
Educação e responsabilidade social

Especial

Esse povo é 10!

As incríveis histórias de pessoas que ficaram famosas por serem elas mesmas



issuu-downloader.com

••• Compromisso com o leitor

Notícias da nossa gente

Não adianta fazer cara feia, trocar de calçada ou fingir que não vê. Eles estão lá. Você pode ignorá-los, desprezá-los ou até mesmo odiá-los; mas no dia seguinte, lá estão eles de novo, teimosos, corajosos, persistentes. Eles vão e vêm, cruzando as esquinas, perambulando pela cidade, ocupando seu espaço e "se virando" como podem para ganhar a vida. Eles estão nos bancos das praças, nas poltronas de ônibus, nos carrinhos de lanche e nas escadarias das lojas; eles vendem, compram, conferem o troco, pedem licença, pedem por favor, pedem uma moedinha, conversam à toa ou apenas ficam lá quietos, olhando o movimento: é o povo, o povo do centro de Uberaba, em toda a sua plenitude, naquela anárquica confusão cotidiana que preenche a cidade de vida.

Mas entre o povo que circula pelo centro, há algumas figuras particularmente interessantes. Lá estão elas, todo santo dia, naqueles mesmos lugares, colorindo o espaço público com sua originalidade. Algumas vezes elas são bem extravagantes; em outros casos, elas apenas estão lá. E é assim que, na insistência do dia-a-dia, essas pessoas começam a fazer parte de nosso cotidiano, de nossa vida e de nossa cidade. E de mansinho, mesmo que a gente nem as conheça pessoalmente, eis que elas vão conquistando um espaço em nossa memória afetiva. Mais um pouquinho e essas figuras viram verdadeiras lendas urbanas e passam a inspirar infindáveis histórias em nossa imaginação.

Nessa edição especial do **Revelação**, decidimos conhecer melhor algumas dessas pessoas que já fazem parte da história do cotidiano de Uberaba. Escolhemos dez personagens bastante populares e contamos um pouco de sua história. E foi assim que descobrimos pessoas incrivelmente originais que, participando de nossa sociedade com suas particularidades, fazem a cidade tornar-se um lugar muito mais interessante para se viver.

••• Novos olhares

Por uma nova história do povo de Uberaba

André Azevedo da Fonseca (*)

A história do povo de Uberaba foi raptada e encarcerada. Nunca contaram nossa história. Quando procuramos nos livros, encontramos sempre as mesmas referências a duas dúzias de figurões que, pelo único mérito de terem sobrenomes, deixaram registradas a sua ilustre presença nos cargos honoríficos que seus próprios compadres os levaram. Não é à toa que a população em geral ignora essa história. De fato, ela não nos diz respeito.

Mas felizmente novos estudos caminham para uma mudança radical dessa perspectiva. Cada vez mais os historiadores têm concentrado a atenção nas pessoas comuns, em vez de estudar apenas a história dos dirigentes. Essa abordagem baseia-se na idéia de que a dinâmica de uma cidade não é movida apenas pelo Estado ou pela economia, mas por toda a sociedade, formada por pessoas como nós, que trabalhamos em nossos empregos, relacionamo-nos uns com os outros e simplesmente vivemos as nossas vidas.

Toda essa complexidade social é o grande tema de pesquisas atuais. Há tempos foi abandonada a idéia de biografia dos "grandes líderes", pois percebe-se que estes não têm em si todos os elementos para explicar as transformações de seu povo. É claro que, nas democracias modernas, essas figuras representam anseios que na verdade são coletivos. Mas aprisionar a História à vida dos dirigentes, como se apenas eles fossem agentes históricos, é um princípio que contraria a própria lógica democrática.

Sabe-se que a ação individual de homens e mulheres é muito pouco perante as forças do contexto no qual estão inseridos. Ao contrário do que os políticos profissionais e seus acessores costumam pregar para justificar sua existência, transformações sociais nunca são resultados de atos individuais, mas dependem de uma série de pré-condições que a sociedade como um todo impõe através da imprensa, das associações, dos sindicatos e das manifestações públicas. Além disso, como ensina o historiador Paul Veyne, para compreender a sociedade é preciso observar todos aqueles elementos chamados "não-factuais", os pequenos acontecimentos diluídos no cotidiano, cuja importância social não é percebida imediatamente. Eventos históricos acontecem todos os dias, mas como ocorrem sutilmente em nosso cotidiano, nem sempre nos damos conta de sua relevância.

Se queremos entender como a cidade se tornou o que é, não devemos estudar apenas uma exceção de cidadãos que ocuparam cargos públicos. Essas figuras excepcionais não vivenciam a mesma experiência que nós. Para interpretar a história de nossa gente, devemos olhar para a vida das pessoas comuns em suas contradições e diversidades.

Rua Vigário Silva com Arthur Machado, em 1904

Cada um de nós é um agente histórico de muita importância. Portanto, se quisermos realmente escrever a história dos uberabenses, precisamos nos libertar dos dirigentes para mergulhar diretamente nas vidas dos habitantes da cidade. Essa nova história de Uberaba ainda está para ser contada.

*(*) Esse artigo foi publicado originalmente no Jornal de Uberaba, em 04/04/2006, mas como tinha tudo a ver com essa edição, não podia ficar de fora...*

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Uniube • Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Raul Osório Vargas ••• Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• **Revelação** • Professor orientador: André Azevedo da Fonseca (MTB MG-09912JP) ••• Produção e edição: Alunos do 3º período de Jornalismo ••• Estagiária (diagramação e edição): Graziella Tavares ••• Voluntárias: Pollyana Oliveira Lopes, Jeniffer Evangelista ••• Revisão: Márcia Beatriz da Silva e Celi Camargo ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação** • Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Sala 2L18 - Av. Nene Sabino, 1801 - Uberaba - MG - 38055-500 • Telefone: (34) 3319 8953 ••• Internet: www.revelacaoonline.uniube.br ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com

●●● Todo mundo conhece

Um "menino" no *playground*

Toninho faz do Calçadão da rua Artur Machado o seu parque de diversões particular

Carla Matos
Letícia Lemos
3º período de Jornalismo

O sol mal começa a nascer e lá está ele, acordado na cama, ansioso para chegar a hora do "trabalho". Sempre sorridente, ele acompanha seu programa matinal de rádio favorito e sua alegria só se completa quando ouve o som da buzina, na porta de sua residência, sinal de que a Kombi o espera. Já no carrinho, ele deixa sua casa no bairro Abadia, com destino ao lugar onde garante seu sustento e sua diversão. Estamos falando de Luiz Antônio Martins, 65 anos, pedinte do Calçadão da Artur Machado há mais de 30 anos.

A hidrocefalia (excessiva quantidade de líquido no cérebro) e a paralisia infantil limitaram os movimentos de "Toninho", como é carinhosamente chamado pelos amigos. Diante desses problemas, Toninho nunca se deixou abater, fazendo da música e da poesia maneiras de superar as dificuldades do dia-a-dia. É só passar uma moça bonita e ele já começa a cantoria: "Fui na casa da morena, pedir água pra beber, não é sede não é nada moreninha, eu vim aqui só pra te ver".

E não pára por aí... Com seu jeitinho todo particular, ele também encanta suas paixões, sendo considerado pelos colegas do Calçadão um homem galanteador. Toninho inclusive tem um carinho especial por uma vendedora, que trabalha em frente a ele, para a qual manda beijos e mais beijos de amor.

Além de romântico, "Cabeção", como também adora ser chamado, é muito amigo de todas as personagens que fazem parte do cotidiano do centro da cidade. Mas é claro que estes "pintam" e "bordam" com ele. Gaspar Ferreira da Silva, conhecido como Bodinho, vendedor de algodão doce no Calçadão, conta algumas estripulias que já aprontou com Toninho. "Peguei o carrinho desse malandro e soltei Calçadão abaixo. Para a sorte dele, nosso amigo Jorge estava lá no final esperando. De tanto susto, o Toninho ficou até branco, mas adorou", conta Bodinho.

Ele lembra ainda um dia em que Toninho estava fumando e o cigarro caiu no carrinho. Ele ficou desesperado pedindo socorro e, para fazer graça, Bodinho deu as costas. Só depois de um tempo foi ajudá-lo.

No convívio desses dois amigos, o bom humor sempre predomina. Toninho conta que nunca se importou com as brincadeiras. Diante das provocações de Bodinho, diz que vai enchê-lo de cabeçadas. E para demonstrar o carinho especial que tem pelo amigo, Toninho freqüentemente declama o versinho: "O Bodinho é meu amigo, o Bodinho é meu colega, eu vou fazer com ele, o que o cavalo faz com a égua".

Carla Matos

Toninho e seu amigo Bodim são companheiros inseparáveis no "trabalho" e nas brincadeiras no Calçadão

Com todas essas brincadeiras, Toninho faz de sua rotina uma verdadeira diversão. Segundo Sílvio Cábrio, gerente da Oriental Calçados, quando Toninho não vai para o "trabalho", chega a chorar em casa. "Ele é um menino e seu *playground* é o Calçadão", diz.

Apesar de tantas alegrias, a vida de Luiz Antônio é repleta de dificuldades. Ele fica praticamente o dia inteiro no Calçadão e usa fraldas, fazendo as necessidades ali mesmo. A Kombi que o leva e busca é paga por sua irmã, o que faz a renda da família diminuir consideravelmente. Além disso, boatos maliciosos rondam sua vida. "Algumas pessoas falam que eu sou rico, que minha mãe me usa para ganhar dinheiro e um monte de coisas ruins. Mas eu sempre fico calado e entrego a Deus, porque eu gosto de todos, todo mundo é meu amigo", fala Toninho. Tem gente que brinca, maldosamente, que ele teria vendido o seu cérebro à UFTM, para ser usado como objeto de estudos. Outros dizem que ele possui casas de aluguel espalhadas por Uberaba. Mas Toninho garante que tudo isso é mentira sem cabimento!

> *"Nunca andei na vida e sei que minha doença não tem cura. Mesmo assim, acho que ninguém tem uma vida tão boa igual a minha."*

Toninho relata ainda que as pessoas no Calçadão são muito solidárias e estão sempre ajudando, seja com moedas, água ou um copo de café. Vale ressaltar que a única refeição "pra valer" feita por Toninho no Calçadão é na hora do almoço: uma marmita preparada e levada pela irmã.

Esperança, humildade e carisma, essas são as virtudes que resumem a vida de Luiz Antônio, que apesar de ser deficiente desde a infância, jamais deixou a tristeza tomar conta de seus dias. "Nunca andei na vida e sei que minha doença não tem cura. Mesmo assim acho que ninguém tem uma vida tão boa igual a minha", finaliza, emocionado.

issuu-downloader.com

●●● Chora que a mamãe compra

É só alegria!

Gaspar Ferreira da Silva fornece o algodão doce, os isqueiros e o bom humor no Calçadão

Geórgia Queiroz
Rafael Lima
3º período de Jornalismo

Foto: Geórgia Queiroz

Considerado o "guardião da turma do Calçadão", Bodim é um dos vendedores mais populares do pedaço

Gaspar Ferreira da Silva nasceu em Itapiraí, no estado de Minas Gerais. Aos sete anos de idade mudou-se para Uberaba, onde recebeu de um amigo o apelido que o acompanharia a vida inteira: Bodim. No início, ele não gostava de ser chamado assim. Mas, como ele mesmo aprendeu: "Nunca fique nervoso com um apelido, porque aí que pega mesmo."

Depois de um tempo, Bodim recebeu o convite para trabalhar em um parque de diversões. O convite foi aceito sem cerimônia. Nesse cenário, aconteceram fatos marcantes na vida de Bodim. Foi lá que ele se encantou por Isabel Nogueira, uma jovem que mais tarde tornou-se sua esposa e com quem teve uma filha, Jaqueline.

Mas como nem todo espetáculo é só alegrias, no palco da vida de Bodim aconteceu um dramático episódio. Certo dia, assim sem mais nem menos, ele descobriu que em seu cérebro havia duas manchas brancas e que ele sofria de epilepsia. Mas isso não fez com que nosso astro desistisse de viver ou deixasse de sorrir. "Bodim, apesar de tudo, é um homem alegre, não há um só dia em que ele não esteja com um sorriso estampado no rosto", conta sua colega de trabalho do Calçadão, Angélica do Carmo, carinhosamente chamada por ele de "Daiane dos Santos falsificada."

Espoleta, brincalhão e sorridente. Com certeza essas são características notórias no estado de espírito de Bodim. E não há quem nunca o viu pelo centro de Uberaba vendendo suas duas especialidades, algodão doce e isqueiros, com os slogans mais divertidos do mundo, tal como "*Chora que a mamãe compra!*". Visto como um "guardião do Calçadão", Bodim conquistou inúmeros amigos. E é fácil perceber que ele é um dos sujeitos mais populares do pedaço. Além dos colegas que todos os dias estão nas redondezas, como Toninho*, Zé Galinha** e o Jorge, de tempos em tempos um sujeito ou outro passa por ali e o cumprimenta com um tapinha nas costas. "Todo mundo aqui do centro conhece o Bodim, ele é gente boa dormindo e amarrado! Somos todos amigos!", brinca Zé Galinha.

Não há como deixar de dar boas gargalhadas ao lado de Bodim. Ele é como uma criança sapeca, está sempre aprontando travessuras, pregando peças e fazendo gracinhas com as pessoas que passam no Calçadão, seja com seus slogans criativos, seja com uma ou outra travessura de moleque. "Uma vez peguei uma moeda de um real, passei cola e a preguei no chão. Todos que passavam e a viam tentavam arrancá-la. Para cada bobo que não conseguia era uma boa gargalhada. Uma madame tentou desgrudar a moeda com o sapato, viu que era brincadeira minha – pois não consegui disfarçar os risos – e me bateu com a bolsa", relembra Bodim. As armações de Bodim sobre o Toninho, seu colega de Calçadão, são antológicas. "Às vezes, eu o Jorge pegamos o carrinho do Toninho e jogamos ladeira abaixo. Enquanto estou na parte de cima, Jorge está embaixo para apanhá-lo. Mas para impedir que ele caia, vou ao lado", conta Bodim, dando boas risadas.

Para muitos, Bodim é um exemplo de vida. Apesar de não ser a pessoa mais rica de Uberaba, e de não ter a melhor saúde do mundo, ele sempre está satisfeito com a vida. Só pede a Deus que nunca o jogue em uma cama e que nunca deixe sua família passar necessidades. E por fim, deixa seu recado à boa sociedade uberabense: "Que tenham mais juízo, mais compreensão e mais humildade".

Verso e Prosa

Zé Galinha criou até um versinho para homenagear o amigo Bodim. Brincalhão de mão cheia, Bodim recebe bem todas as brincadeiras, pois, como ele sempre diz: "A vida é só alegria!"

"A minha vó esta grávida,
olha o que aconteceu:
ela dormiu na casa do Bodim
e a barriguinha dela cresceu"

issuu-downloader.com

●●● A rua é o melhor negócio

Moça banguela não paga!

Há 44 anos no centro, Zé Galinha é um verdadeiro patrimônio cultural da cidade

Juliano Carlos
3º período de Jornalismo

Com alegria e irreverência, José Gonçalves Oliveira Neto, mais conhecido como "Zé Galinha" – apelido que recebeu na infância quando criava galinhas para vender – dedica a maior parte do seu dia ao Calçadão da rua Artur Machado. Com 52 anos de idade, ele está há 44 anos vendendo suas mercadorias no centro de Uberaba.

Zé Galinha é muito respeitado por seus amigos vendedores ambulantes, por ser o mais antigo daquele local. Por isso, afirma ter orgulho de ser considerado um verdadeiro patrimônio da cidade. "Quando comecei a trabalhar no centro de Uberaba, era tudo córrego a céu aberto. A maioria das lojas era de descendentes de libaneses, italianos e turcos. Somente muito tempo depois os uberabenses conseguiram montar seu próprio negócio".

A maior barreira encontrada por Zé Galinha no dia-a-dia de trabalho no Calçadão é a fiscalização do setor de posturas da Prefeitura de Uberaba. "Já tivemos muitos conflitos com fiscais aqui no Calçadão, e até a Polícia Militar foi acionada", conta Zé Galinha. "Os fiscais têm o direito de fazer o trabalho deles, mas nós também temos o de fazer o nosso", desabafa.

Além de vendedor ambulante, Zé Galinha conta com uma média de cinco a oito pessoas que trabalham para ele. Bem-humorado, faz um comentário: "Cabeça vazia, entrada para o diabo", referindo-se ao fato de que quando uma pessoa não tem nada para fazer, nem trabalho, acaba caindo nas tentações do mal e fazendo coisa errada.

O homem que se dedica ao trabalho, chegando ao Calçadão por volta das 8h30 e retornando para casa às 17h, de segunda à sexta-feira, trabalha também no estádio Engenheiro João Guido, o "Uberabão". Nos dias de jogos Zé Galinha vende mexerica, laranja e amendoim. Já o domingo é sagrado para o comerciante vender e contar suas piadas na feira do bairro Abadia, onde tem muitos amigos.

Foto: Juliano Carlos

Para Zé Galinha, o segredo de uma boa venda é ser alegre e bem-humorado

Para Zé Galinha, o segredo de uma boa venda é ser alegre e fazer com que o cliente "veja que ele está ali". Assim, são famosas no centro da cidade as rimas que ele faz para atrair o cliente. "Promoção do dia: moça feia, careca e banguela não paga nada, mas também não leva!", ou "Tô vendendo barato porque minha avó tá grávida". Esses são alguns dos bordões do vendedor ambulante, que é querido por todos pela sua alegria contagiante e irreverência. Tanto que ele se tornou uma das pessoas folclóricas e mais conhecidas de Uberaba.

issuu-downloader.com

●●● Ninguém aqui é Paris Hilton

A Rainha do Calçadão

Isabel Cristina garante as tardes de animação no centro de Uberaba

Fotos: *Ana Paula Jardim*

Ana Paula Jardim
3º período de Jornalismo

Não há em Uberaba quem não conheça Isabel Cristina Costa Batista. Ela é negra, baixinha, tem os olhos pequenos e apertadinhos, boca grande com algumas "janelinhas" entre os dentes e seios bem fartos (que ela garante ser silicone). Além de tudo isso, a moça ainda é toda "cheinha" e "popozuda". Ela é conhecida como "Tiazinha" em alguns pontos da cidade, mas a maioria das pessoas a chamam de Bebel, um apelido bem mais carinhoso.

Bebel se intitula capoeirista de primeira, bailarina de axé, forró e hip hop. Diz que é "baiana de Uberaba" e que não perde um final de semana na Mojiana. Adora bolacha recheada e Coca-Cola de 2 litros. Diz que é malandra e quem mexer com ela leva, porque ela é brava mesmo!

Bebel sabe ler e escrever. Teve um casal de filhos, que hoje estão no juizado para adoção. Ela é considerada a rainha do Calçadão e, vez ou outra, faz pirraça com aqueles que começam a fazer sucesso no "seu" pedaço, como o Toninho*, as moças das financeiras e as ciganas. Certa vez implicou tanto com uma vendedora que foi preciso chamar a polícia, pois Bebel passava os dias na porta da loja chamando a moça para a briga e falando palavrões.

Apesar desse desequilíbrio, Bebel guarda muito bem as sacolas de roupas e outras coisas que ganha. Ela sabe contar dinheiro e adora repetir bordões como: "Cada macaco no seu galho" e "Se vira nos trinta". Além, claro, dos tapões que dá nas costas dos colegas enquanto conta suas histórias.

As lojas do Calçadão ganham uma atração à parte em dias de promoções. Os vendedores colocam músicas para atrair os fregueses e o primeiro deles é Bebel, que dança por horas e horas, sem se importar com o ritmo, enquanto vai cumprimentando as pessoas que passam ou entram para fazer compras.

A hora da merenda

Bebel faz uma via-sacra diária pelas lanchonetes e vendedores ambulantes para pedir pastéis, caldos de cana, sorvetes etc. Os comerciantes já aguardam sua vinda e elogiam sua discrição. Dizem que ela é educada

As lojas ganham uma atração à parte em dias de promoções. Os vendedores colocam músicas para chamar os fregueses e, em alguns minutos, lá vem a Bebel sacolejando o corpão

A dançarina mais popular da cidade é a maior sensação da rua Artur Machado

issuu-downloader.com

Bebel é uma das personagens principais do documentário "Retratos urbanos: a imagem de um calçadão", feito por estudantes de Jornalismo da Uniube. (Imagens: Emerson Ferreira / Captura de tela: Renê Vieira)

e que espera os clientes serem atendidos para depois pedir. Eles afirmam que ela não pega nada que não lhe dêem na mão e que não prejudica as vendas. Há três lugares que Bebel visita todos os dias, religiosamente: a pastelaria, o carrinho de sorvetes e a banca de caldo de cana, tudo no Calçadão.

Há três lugares que são "sagrados" para Bebel: a pastelaria, o carrinho de sorvetes e a banca de caldo de cana

Antonio Pedro Araújo, aposentado e dono de uma barraquinha de caldo de cana há 10 anos no Calçadão, diz que é sagrado: todos os dias Bebel vai à sua barraca para tomar garapa: "Ela chega, começa a beijar minhas costas e fala: – *Ô tio Tonho, me dá uma garapinha aí.* Então eu encho dois copos, ela toma e vai embora. Mas com um porém: se não der o canudinho, ela não pega a garapa."

Seu Antonio lembra que várias vezes dividiu a marmita com Bebel. Ele conta que come no local todos os dias e que, às vezes, ela pede a sobra. "Ela me diz: – *Tio Tonho, se sobrar você me dá um pouquinho?* Aí eu sempre guardo para ela, mas isso é raro".

Saindo da barraca do seu Antonio, Bebel tem outro ponto certo: a pastelaria Gisele. O proprietário Edgard Ladeira Borges diz que a conhece desde a época em que ela era bem mais magrinha. "Eu conheço a Bebel há uns 5 anos. Desde então ela freqüenta o Calçadão. Ela não entra aqui na pastelaria, fica dançando lá de fora e olhando pra cá. A gente "já sabe" e leva o pastel de carne – o único que ela come – e o suco. O dia que não tem suco tem que dar um refrigerante para ela."

A esposa de Edgard, Antonia Abadia dos Santos, que também trabalha na pastelaria, conta que Bebel às vezes pede para variar o cardápio e eles têm que comprar em outro lugar o que ela quer. "Tem dia que ela diz que tá com vontade de comer um pãozinho com leite quentinho e docinho. Aí eu vou no Rei do Pão de Queijo e compro para satisfazer ela".

"Colega", é como Bebel chama a todos no Calçadão, principalmente o sorveteiro Jesiel Ribeiro dos Santos, que tem uma máquina instalada bem no ponto central. Ele é, sem dúvida, o amigo que Bebel mais preza. Ela sempre se refere a ele com muito carinho e, às vezes, até diz que ele é o namorado dela. Jesiel refresca Bebel com sorvetes nos dias de calor e frio. A rainha do Calçadão toma pelo menos sete sorvetes diariamente, e faz questão de escolher os sabores. "Ela é tinhosa, só toma o sorvete do sabor que ela escolher e não adianta dar outro que ela não pega. Se ela falar que é de morango, é de morango mesmo!"

Vida dura

Apesar das regalias, a rotina de Bebel não é fácil. Ela passa todos os dias dançando no Calçadão e fica até tarde da noite na rua, mas às 6 horas da manhã do dia seguinte ela já está de pé. Portanto, para recuperar as energias, nada melhor que um cochilo vespertino. E é assim que, todos os dias, entre 13 e 14 horas, ela dorme profundamente na porta da Líder Perfumaria, sentada nos dois degraus de entrada da loja, com a cabeça encostada em uma vitrine. O sono perdura por mais de uma hora e nem o barulho do centro a acorda.

A rainha do Calçadão ganha pelo menos sete sorvetes por dia e faz questão de ela mesma escolher os sabores

Bebel tem pai e mãe vivos, mas não mora com eles. Ela conta que dorme na rua e toma banho em um posto de combustível. O pessoal que convive com ela diz que a mãe sempre passa no Calçadão e a convida para ir para casa, mas os palavrões que ouve nunca são amigáveis. Bebel diz que não volta para casa porque é muito difícil conviver com sua mãe. Quando fala sobre os filhos, fica com ar triste, diz que estão no juizado e que é preciso acompanhamento familiar para visitá-los.

Bebel é uma personagem que já marcou seu lugar na história de Uberaba pelo seu jeito peculiar de ser. A bailarina do Calçadão tem aquela rara ginga urbana de quem precisa adaptar os passos para driblar o preconceito dos uberabenses que a observam com desdém. Mas Bebel sempre sacode a poeira e permanece solene, com uma inocência de criança, divertindo-se tremendamente com suas canções imaginárias. E para zombar daqueles que a desprezam, a rainha segue em frente, sacolejando o corpo, desafiando os bons modos e reinando absoluta naquele universo humano chamado Calçadão da rua Arthur Machado.

Auto-intitulada "baiana de Uberaba", ela diz que é capoeirista de primeira, além de bailarina de axé, forró e hip hop

issuu-downloader.com

foto: Ramon Magela

••• A lenda vive

O sorriso de Doralice

Querida por alguns e hostilizada por muitos, personagem é um símbolo de resistência contra a intolerância conservadora da cidade

Larissa Carvalho
Lívia Zanolini
Renata Vendramini
3º período de Jornalismo

Todos já ouviram falar, muitos já viram, poucos a conhecem de fato. Para alguns, desequilibrada; para outros, incompreendida. Desbocada e irreverente, causa espanto quando resolve chamar atenção. A dona dessa personalidade é ela mesma, Doralice Cabulesque, ex-residente do bairro Abadia, onde viveu durante muitos anos e conquistou grandes amizades. Seja por meio de histórias tristes ou fatos engraçados, Doralice sobrevive há anos na memória dos uberabenses, o que torna ainda mais importante conhecer um pouco mais sobre essa figura que nunca deixará de ser uma das personagens mais conhecidas no imaginário de Uberaba.

Mesmo em meio a dificuldades, Doralice sempre foi uma pessoa especial. "Ela morava com a mãe, que era chamada pelos vizinhos de Licinha e trabalhava como lavadeira; e com a irmã, portadora de deficiência física", relembra Zélia Santos, vizinha de Doralice desde 1958. A casa onde residia abrigou também o avô e a tia. Zélia conta que o avô perdeu todos os bens, pois era viciado em jogo de cartas.Apesar de ter uma família que sempre zelou por ela, aos treze anos Doralice perdeu-se e, quando anoiteceu, alguns rapazes abusaram dela. "Ela ainda me conta essa história com muita raiva", relata Zélia. Deste abuso foi gerada uma criança que, aos seis meses de idade, morreu de desidratação.

Quando a mãe de Doralice morreu , ela foi morar com a tia. Quando esta também faleceu, Doralice ficou sem casa. Desde então ela não se fixa em lugar algum. Apenas anda por toda cidade pedindo comida, roupas e dinheiro. Zélia conta que toda vez que ela se sente muito suja, pede um sabonete e diz: "Nossa, madrinha, eu tô muito fedida!". Hoje em dia ela tem como parentes duas primas na cidade, mas estas não a ajudam em nada. "Posso dizer que a família de Doralice são seus quatro cachorrinhos", diz.

Poucas são as pessoas que sabem realmente da história de Doralice. O que os uberabenses conhecem é uma figura inusitada, chamada de "Dora Doida", que fala palavrões e solta uns berros raivosos quando tem vontade, mesmo que esteja em pleno centro da cidade. Doralice não aceita ser chamada de doida, e sim de Dora, como os amigos e vizinhos a chamam com carinho.

Casamento de celebridade

Um grande acontecimento da vida de Dora foi seu casamento com um rapaz chamado Carlito Inácio. "O casamento foi muito comentado na cidade, teve fotos e filmagens, o que para época era para celebridades", relembra Zélia, que não se esquece de como a Paróquia Nossa Senhora da Abadia estava lotada. Crianças faziam a maior bagunça e estavam todos alegres com a junção do casal. Como padrinhos de Dora, na igreja, estavam o radialista Edson Quirino e sua esposa Lázara e, no civil, a vizinha Zélia e o cunhado Sérgio."Depois do casamento houve também uma festa nas redondezas da antiga praça dos bombeiros", acrescenta Zélia. "Tudo foi ganho por amigos. O vestido, o bolo, as bebidas e a festa. A animação ficou por conta dos cantores sertanejos Toninho e Marieta".

Entretanto, o casamento não durou por mais de cinco anos. "A Dora adorava sair, ir para a casa da mãe, e não gostava de trabalhar e nem de cozinhar para o marido." Para não trabalhar, a Dora mentia e dizia para o Carlito que estava grávida. Todo mês, quando menstruava, ela fazia o marido acreditar que tinha perdido a criança. Por essas e outras eles brigavam muito, até que um dia ela o abandonou", explica Zélia. A vizinha diz que vivenciou muitas brigas e até relata uma delas. "Um dia o Carlito comprou uma cartela de ovos para Dora fazer no jantar e disse para ela não sair de casa, em hipótese alguma. Mas ela não obedeceu e, quando ele chegou, pegou os ovos e começou a arremessá-los na pobre Dora".

Doralice e Carlito haviam ganhado um terreno no chamado "Corredor Boiadeiro", caminho que leva ao bairro Uberaba I, onde Carlito mora atualmente. "O Carlito fica muito na Praça Rui Barbosa com uma

issuu-downloader.com

Dora tornou-se um mito não pela sua história de vida – que poucos conhecem – mas sim, pelos palavrões "cabeludos" que costuma gritar pelas ruas

bicicleta e alguns cachorros em sua volta. Ele e a Dora não conversam, ela tem uma raiva dele!", afirma Zélia.

A face conhecida de Doralice

As histórias que envolvem a Dora tal como conhecida por todos são muitas. O publicitário, Luciano Guimarães lembra de um episódio quando fazia o segundo ano do Ensino Médio no colégio Coliseu, que se situava, na época, na avenida Santos Dumont. Ele e os amigos estavam saindo da escola e encontraram a Dora na porta do colégio com um cachorro amarrado a uma corda de varal e falando besteira para as pessoas que passavam na rua. A fim de dar umas boas risadas, eles resolveram conversar com ela. "Ao nos aproximarmos, ela falou pra não chegarmos muito perto porque o cachorro era bravo. Segundo ela, era um Pitbull. Um de meus colegas, achando muita graça, perguntou qual era o nome do animal. Dora disse: O nome dele é Nike. Pega, Nike, pega!", contou rindo. Luciano disse que o mais engraçado era que, na verdade, o cão não passava de um vira-lata e, que quando ela mandou que o pobrezinho atacasse, a única coisa que Nike sabia fazer era coçar as pulgas. Andando pelas redondezas da antiga casa de Dora, encontramos uma grande amiga dela, Wanderit, chamada por ela de "Tia Wanda". Wanda mora na Rua Benjamim Constant e tem um grande afeto por Doralice. "Ela deixa algumas roupas aqui em casa e, quando ela se sente suja, eu lhe empresto o banheiro dos fundos. Eu a ajudo a tomar banho e depois a se enxugar". Os vizinhos dizem que Wanda é a "mãezona" de Dora.

Wanda diz que não só ela, mas muitas pessoas ajudam no sustento de Dora. "Ela vive de ajudas da cidade inteira, anda muito e tem gente que já lhe ofereceu até mesmo abrigo". Mas Dora não fica parada muito tempo em um lugar; ela tem pavor de ser levada para o albergue, lugar onde ficam mendigos da cidade – explica a amiga. Wanda diz que Dora chama quem a ajuda de madrinha.

A costureira Maria Alice Barbosa é um outro exemplo dessas pessoas que contribuíram para a amenizar a difícil situação de Dora. Maria Alice foi vizinha de Doralice durante uns 25 anos e fez questão de ressaltar como foi boa a convivência. "Ela ia muito na minha casa. Ela entrava, sentava, eu fazia café pra ela e dava pão. Ela gostava muito disso e me chamava de madrinha. Teve até algumas vezes que eu costurava algumas roupas dela", lembra. Ainda contou que o marido e os filhos achavam loucura deixar a famosa Dora entrar em casa. "Ah! Nada a ver, né?", disse, ressaltando que não achava que aquela atitude tinha algum problema. Contudo, depois que Maria Alice adquiriu cachorros, Dora amedrontada, parou de visitá-la.

Sua personalidade escandalosamente erotizada sempre pareceu intolerável em uma cidade conservadora e provinciana como Uberaba

A celebridade Dora

A célebre Dora tornou-se um mito na cidade de Uberaba; não pela história de vida que possui – que poucos conhecem – mas, sim, pelos xingamentos que proferia de boca cheia e pelas incríveis confusões que causava nas ruas. Nivalda Cândida, moradora do bairro Mercês há mais de quarenta anos, conta que desde a infância escutava os casos de Dora. "Me lembro que ela não gostava de crianças. Era só ver alguma na rua que começava a xingar e correr atrás". O que Nivalda e outras pessoas não sabem é que são as crianças que começam a irritar Dora, gritando sempre em coro: "Dora Doida, Dora Doida!". Nivalda também comenta que, muitas vezes, encontra Dora passando pelo centro da cidade tentando chamar a atenção, gritando e levantando a saia ou camiseta para qualquer um na rua.

Não deixa de ser verdade que Dora, quando está muito excitada, torna-se bastante extravagante. Ela já foi mais presente na cidade, mas ainda hoje as pessoas se lembram de suas estripulias. Segundo um comerciante da rua São Benedito, uma vez algum engraçadinho entregou a ela um pênis de borracha enorme. Para que?! Dora saiu pela cidade sacudindo o presente enquanto soltava boas gargalhadas e mandava todo mundo para "aquele lugar". Outros contam que Dora andava pela cidade à toa e saía correndo atrás de jovens pedindo que se deitassem com ela em terrenos baldios. Quando Dora passava na frente de portas de colégios em horário de saída, era sempre uma confusão! Os garotos gritavam "Dora Doida, Dora Doida!" e ela, bastante alterada, começava a atirar pedras. O festival de palavrões cabeludos que ela soltava em público são impublicáveis, mas pela descrição da figura já dá pata ter uma noção.

Uberabenses idosos, adultos, jovens e crianças... todos já ouviram falar na personagem Dora Doida, uma senhora "bobagenta" que anda pela cidade assediando os homens, levantando a blusa e soltando a língua. Moradores dos mais diversos bairros já ouviram muitos boatos sobre ela. Figura antiga, Doralice é uma lenda viva que permanecerá por muito tempo na memória dos uberabenses como uma pessoa extravagante, ainda que na intimidade dos amigos tenha se revelado uma pessoa carinhosa, engraçada e boa gente. Sua personalidade escandalosamente erotizada sempre pareceu intolerável em uma cidade conservadora como Uberaba. Mas Dora resiste com meia dúzia de palavrões na boca. E a maior qualidade de sua celebridade é que Dora não é postiça, não é só maquiagem, não é só flashes: Dora é autêntica, é humana, é de verdade. Dora é uma pessoa que tornou-se famosa sendo simplesmente ela.

issuu-downloader.com

••• Olha quem está aí!

Esmar e os bilhetes

Uma profissão simples e digna torna o vendedor do centro de Uberaba uma figura pública

Graziella Tavares
3° período de Jornalismo

Foto: Graziella Tavares

Esmar trabalha há 23 anos no mesmo lugar vendendo seus bilhetes da sorte

Uberaba é uma cidade cheia de figuras populares. Todos com uma peculiaridade. Algumas vezes, o que faz uma pessoa tornar-se conhecida na sua comunidade é o carisma e a humildade que transmite. Este é o caso do nosso próximo personagem, o vendedor de bilhetes da Loteria Federal, Esmar Gonçalves Beirito, o popular "vendedor da porta do Banco do Brasil".

Quem passa pelo centro da cidade, todos os dias, não pode deixar de notar que seu Esmar está sempre ali sentado nas escadas do banco com seus bilhetes. Também não é de admirar: seu ponto de vendas é bem estratégico. São vinte e três anos trabalhando nesse mesmo lugar e acompanhando as mudanças no comércio, na sociedade e até na estrutura da cidade. A conversa ajuda a descobrir um homem de 52 anos de idade, totalmente ativo e que jamais teve outra profissão a não ser a de vendedor de loteria. E com muito orgulho.

Esmar é aposentado e completa sua renda mensal com as vendas. Mesmo com um problema físico no braço e sem uma das pernas, ele afirma que nada o atrapalha. "Acostumei com esse trabalho. Venho pra cá de carro com um vizinho lá pelas nove horas da manhã e, depois, volto pra casa com ele por volta das oito da noite. É bom. Não reclamo de nada, mesmo ficando aqui todo dia." O vendedor mora sozinho no bairro Fabrício. Nunca se casou e tem apenas um parente na cidade, o seu irmão. Nasceu em Conceição das Alagoas e veio para Uberaba ainda jovem. Desde então, dedica-se ao que faz.

Apesar do jeito reservado e desconfiado, Esmar conquistou a simpatia das pessoas. Seus clientes são fiéis e ele ressalta que a população gosta de apostar na sorte; por isso é que vende tantos bilhetes. Todo santo dia um senhor chamado Reynildo passa pelo centro às cinco e meia da tarde e sempre compra seus bilhetes. Reynildo acredita que o vendedor é um homem de confiança, mas em compensação nunca trouxe sorte no jogo. "Ele é o maior pé frio. Eu aposto sempre na loteria, mas se fosse depender dele, nunca ganharia. E o pior é que o cara só tem um dos pés (risos)". Os dois riem do comentário enquanto ele paga mais um bilhete. "Conheço esse camarada há muitos anos e posso dizer, com certeza, que é uma 'figura' mesmo esse Esmar".

Apesar do jeito reservado e desconfiado, Esmar conquistou a simpatia das pessoas do centro

Horários "sagrados"

Mesmo aos sábados, seu Esmar fica no centro até às seis horas. Seus horários são sagrados. Nem um minuto a mais nem a menos. "Olha, o pessoal só vai me encontrar aqui nesse horário: de segunda a sexta, das nove às oito; e aos sábados, das nove às seis da tarde. Depois vou pra casa e só no outro dia". Ele faz questão de dizer que nunca foi assaltado e nem mesmo sofreu qualquer tipo de preconceito ou agressão. Tanto os funcionários do banco quanto aqueles que fazem sempre o mesmo caminho pelo centro afirmam que o vendedor nunca trouxe problemas para ninguém. "Ele está trabalhando como qualquer pessoa. Não importa onde ele fica ou o que vende. O importante é que é um homem honesto e supera todas as dificuldades. Realmente é uma figura popular da nossa cidade", confirma a aposentada Euripa Gomes, que trabalhou durante muito tempo no centro.

Além do caráter, o que destaca nossa personagem é a força de vontade que Esmar tem para sair de casa, todos os dias, e ganhar a vida de um jeito simples. Também é isso que faz uma figura pública: humildade e dignidade, que não faltam em Esmar.

issuu-downloader.com

A estrela da Feira da Abadia

Aos 89 anos, Dona Maria Francisca é uma figura querida no maior evento popular de Uberaba

Náire Belarmino de Carvalho
3º período de Jornalismo

A feira que acontece nas manhãs de domingo no bairro Abadia – a mais popular da cidade – é palco para um festival de carisma e de travessuras de Maria Francisca Moraes. "Já tem quase 20 anos que estou aqui e desde o primeiro dia eu vejo ela andando por aí", conta Dorvalino Cardoso, vendedor de fitas cassete. Ele conta que nunca se incomodou com as brincadeiras da senhora que aparenta ter menos que um metro e meio de altura. "Todo domingo ela vem aqui e ainda belisca minha bunda! Mas eu nem ligo, gosto demais dela, é gente fina pra caramba!".

"Todo domingo ela vem aqui e ainda belisca minha bunda! Mas eu nem ligo, gosto demais dela, é gente fina pra caramba!"

Prestes a completar 90 anos, Dona Maria mora próximo ao local onde acontece a feira. Ela é solteira, aposentada e divide o barraco onde mora com as irmãs Conceição Moraes, de 68 anos e Germina Moraes, 65. Todos os domingos, após a feira, dona Maria passa na casa dos vizinhos, Vitória e Sebastião, para deixar as verduras e frutas que normalmente ganha dos feirantes. E todos os dias da semana lá vai ela pegar seu almoço, cedido gentilmente pelos amigos que conhece há 40 anos. "Quando ela vem da feira, leva para a Vitória umas verdurinhas, frutas e uma alface que ela ganha do pessoal. Mas não dá para aproveitar quase nada, porque o que ela ganha já é de final de feira", diz Sebastião.

Dona Maria enche o carrinho de tudo quanto é coisa e leva um pouco do que ganha para os amigos

Apesar da idade, dona Maria não se entrega fácil às complicações que costumam aparecer na velhice. Baixinha, franzina, ainda conserva cabelos tingidos de cor caju. Sua única dificuldade é pronunciar claramente as palavras; ela tem um sério problema de dicção, conseqüência de sua deficiência auditiva. Mas isto não é empecilho na hora de comunicar-se com seus amigos: todos a entendem pelos gestos que é acostumada a fazer. "Teve um dia que ela passou aqui e eu pensei que ela queria peixe, mas ela falou "aaaarne". Então pensei: Ah! Ela gosta é de carne! Agora ela passou aqui e apontou pro peixe, aí eu vi que ela também gosta de peixe!", conta o feirante Edmar Vicente de Paiva.

Jeitinho de criança

Dona Maria vai passeando entre os transeuntes com seu vestidinho branco de estampa amarela, um casaquinho vermelho para enganar o frio e chinelas de dedo, já gastas de tanto andar. A cada parada é flagrada beliscando o bumbum de uns e de outros, recebendo abraços aqui, algumas moedinhas ali. "Aqui todo mundo gosta dela. A gente põe umas verdurinhas, umas roupinhas no carrinho dela e ela vai embora", declara Maria Helena Ramalho, feirante há 14 anos.

Tudo o que dona Maria vê "dando mole" na grande passarela da feira e que lhe chama a atenção, dá um jeito de trazer para dentro de seu carrinho que comporta tudo. Alface, tomate, mexerica, laranja, maçã, peixe, algodão doce, saco plástico, bexiga e até um vaso de violetas. Para ela não importa a qualidade, mas a quantidade. A feira não terá sido tão boa se seu carrinho voltar para casa vazio ou sobrando espaço. Aliás, espaço nem pensar! Ela sempre dá um jeitinho para algo mais.

O que dona Maria traz da feira e não presenteia a vizinha Vitória, ela leva para casa e guarda em seu quartinho. Suas irmãs, principalmente a caçula Maria José, não aprova a mania que dona Maria tem de guardar tudo que pega. Segundo ela, vez ou outra faz limpeza e joga fora o "lixo" da irmã. E mais uma vez é hora de dona Maria correr para a casa ao lado e pedir abrigo para suas "coisinhas". Como diz Sebastião: "Qualquer coisa ela junta; tem coisa que ela leva lá pra casa falando que eles estão roubando ela. Aí fica tudo guardado lá".

Fotos: Náire Belarmino

Maria Francisca completará 90 anos de idade e está cheia de disposição para curtir sua feira predileta

Dentre as várias denominações, dona Maria também é conhecida como "Maria baixinha", "pititinha" e "vovozinha"; apelidos carinhosos que ganhou dos amigos feirantes da Abadia. Sempre de bom-humor, nas manhãs de domingo dona Maria esquece os problemas, a "dor nas cadeiras" e a idade, toma seu banho e pega o carrinho para passear na feira. "Ela não tem mundo de tristeza, não! Só de alegria!", é o que diz a cabeleireira Cíntia Mesquita Silvério, outra vizinha de dona Maria.

issuu-downloader.com

O homem dos cachorros

Marcos Vinícius dos Santos é um verdadeiro São Francisco de Assis urbano

Tobias Ferraz
3º período de Jornalismo

Foto: Carlos Finocchio

Seu Marcos pensa em voltar para Belo Horizonte, mas tem muito apego aos seus 52 cachorros

Uma das figuras mais enigmáticas e populares de Uberaba no século 21 é, sem dúvida, o "Homem dos Cachorros". Quase todo uberabense já viu esse homem rodeado de vira-latas caminhar pelos quatro cantos da cidade, atravessando avenidas pelo centro, passando tranqüilamente pelas calçadas e conversando pelo celular em alguma esquina. Ninguém tem notícias de qualquer problema envolvendo os cães. Eles têm boa índole e atravessam as ruas na maior educação, seguindo calmamente o dono em sua misteriosa jornada urbana. Mas quem é esse homem? Onde ele mora? O que ele faz? Para contar a história desta figura foi preciso, antes de tudo, uma investigação minuciosa para descobrir a primeira pista de seu paradeiro. Mas depois de muitas idas e voltas, eis que descubro o local onde ele se instalou.

Na entrada que dá acesso ao terreno no bairro Santa Marta, um cachorro preguiçoso se esquenta ao sol das nove da manhã. A noite anterior foi bastante fria para Uberaba. Seis e meia da manhã, o termômetro doméstico marcava onze graus centígrados. Aos fundos do sobrado onde funciona uma construtora e uma revenda de carros usados, o cenário é desolador. Um amontoado de garrafas *pet*, os mais diversos tipos de embalagens espalhadas pelo chão e uma barraca (nos moldes de uma barraca de *camping*, de modelo canadense) só que erguida com sacos plásticos. Ao fundo, uma égua tordilha presa numa baia improvisada.

O filho do chaveiro do bairro havia me dito que o Homem dos Cachorros chamava-se Mário. Quem sabe ele está dentro da barraca? O negócio é chamar: "Seu Mário. Ô Seu Mário! Bom dia!" Dali alguns segundos sai um cachorro latindo, rodeia, mas nada do "Seu Mário". Será que está dormindo? O "plano B" é voltar mais tarde...

"Sou mais os cachorros do que o povo. Não gosto de ver um bichinho desses sofrendo e cuido bem deles."

Na revenda de produtos agropecuários, bem em frente, ponto de encontro das pessoas do bairro, o carroceiro Delmont Bernardes conta que tem amizade com o Homem dos Cachorros e que o nome dele, na verdade, é Marcos. Ele conta que Marcos é de Belo Horizonte, que conversa com a família por telefone e que mora em Uberaba por causa do apego aos cachorros. "Quer ir lá falar com ele?", pergunta. "É claro!", respondi prontamente!

De volta ao terreno, encontramos Seu Marcos catando uns objetos em frente à barraca. Arredio, demonstra não querer conversa. Delmont insiste para ele falar com a gente. O mau humor do Homem dos Cachorros parece aumentar. Lá vou eu quebrar o gelo:

"Seu Marcos, faz tempo que quero falar com o senhor e trouxe aqui um tanto de ração para os cachorros". É minha única cartada. O argumento quebra o gelo e abre o coração dele. Agora ele já me olha com um sorriso enorme, mesmo com alguns dentes faltando e outros já meio danados. Vem em nossa direção.

A entrevista "vai rolar"! Pensei. E rolou! Marcos Vinícius dos Santos, ou "O Homem dos Cachorros", tem 56 anos. "Vou fazer 57 em janeiro." Ele conta que não se intimida com "doutor", que trabalhou 17 anos na *Johnson & Johnson* e que é "informado". Seu Marcos não gosta de maldade e não suporta "gente ruim". O lado profeta sentencia: "Meu caso é com Pai, o Filho e com o Espírito Santo. Lúcifer era um anjo e morou no céu, depois que saiu de lá falou pra Deus que ia roubar o povo dele, por isso o mundo tem tanta gente ruim. Sou mais os cachorros do que o povo. Não gosto de ver um bichinho desses sofrendo, eu cuido bem deles".

"Olha só: se uma aranha sobe em mim, eu não mato. Pego um papel, tiro ela do braço e levo pra outro lugar."

"Eu admiro viajar"

Seu Marcos conta que já rodou todo o Brasil e países da América Latina. Vai falando os nomes de uma série de cidades da zona da mata mineira, de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará... "Na região de Barra do Garças eu conheço os índios, eu converso com eles. Meu avô era bugre e foi pego no laço. Viveu até os 115 anos". Seu Marcos mistura seu lado bugre com a herança genética de negros, e diz que tem boa saúde.

"Minha família é de Belo Horizonte. Eu tenho fazenda de herança, em Santa Luzia, a 22 quilômetros da capital. Lá meu irmão cuida de 47 cachorros que levei. Tenho dinheiro, vivo de vender filtro de água e tenho uma caminhonete D-20, que uso para levar os cachorros pra fazenda da família", conta.

A conversa agora flui sem esforço. Digo que quero

issuu-downloader.com

fazer uma reportagem para o "jornal da Uniube", ele diz que não, que não gosta de entrevista... mas como sou "uma pessoa do bem", não tem problema. "Não gosto é de bandalheira". Ao afirmar que não gosta de bagunça, Seu Marcos tira de uma caixa algumas páginas de jornais locais e começa a falar dos crimes que acontecem na cidade. Diz que gosta muito de ler, principalmente sobre geografia e história. "Êh, êh! Eu tenho um monte de livros, gosto muito de leitura". Esse gosto se confirma pelo bom português falado por ele. O espaço dos livros é dividido com Sadan, Malhada, Veneza, Joly, Nick, Maguila e Clarim, inseparáveis amigos caninos e que somam os 52 animais sob seus cuidados.

Observo perto dali um amontoado de migalhas de pão e passarinhos ciscando. Digo ao Seu Marcos que ele parece São Francisco de Assis. "Ah, eu gosto muito dele, eu li sobre a história dele, tenho os livros. Olha só: se uma aranha sobe em mim, eu não mato. Pego um papel, tiro ela do braço e levo pra outro lugar. Cuido também dos passarinhos, eles vêm comer o pãozinho que dou pra eles."

Ele conta que se inspira no santo despojado para levar essa vida "franciscana" – momento em que pergunto se ele nunca quis ter uma companheira. "Fui noivo da Mercedes, mulher correta, mas aí eu não quis. A Adelaide, prima dela, mexia com espiritismo, fez uma promessa aí num cemitério e a Mercedes foi junto. Aí eu não quis mais".

Tem gente que tem medo do Homem dos Cachorros e, para quem sofre dessa fobia, Seu Marcos manda um recado: "O problema é deles. Quem tem medo do Homem dos Cachorros é gente ruim. Quem me procura é gente do bem. Não quero o mal deles, mas não conheço gente que tem medo de mim."

Para finalizar, ele diz que ainda quer voltar para junto da família, mas não pode por causa dos cachorros que tem em Uberaba. No entanto, conta que está se preparando para levá-los para a fazenda e voltar a viajar. Nesse momento ele me pergunta se eu li "o livro do gavião". "Será que é o Fernão Capelo Gaivota, Seu Marcos?" Mas a resposta vem como se não houvesse pergunta: "Sou igual ao gavião, eu admiro viajar".

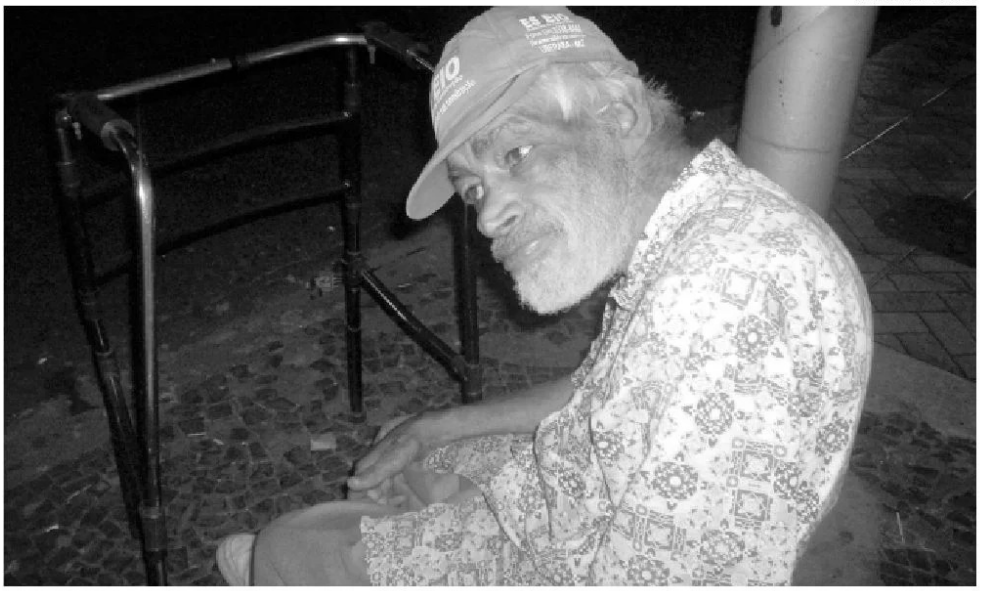
Seu Marcos é visto caminhando por toda a cidade acompanhado por vários de seus cachorros

●●● Sob o império da lei

Gilberto, o "guarda de trânsito"

Há mais de vinte anos, figura popular no bairro Estados Unidos "coordena" os semáforos dos cruzamentos da região

Mônica de Freitas



Mônica de Freitas
3º período de Jornalismo

Carros, ônibus e bicicletas circulam apressados. Um homem já de idade, barba cerrada, boca saliente, caminha devagar, apoiado num andador, e pára em um cruzamento. Subitamente, ao soprar o seu apito, aquela fragilidade se transforma em incrível animação. Bastante disposto, ele se volta com firmeza em direção aos veículos parados, que aguardam o semáforo abrir, e começa a ordenar:

– *Vai, atravessa*! *É o senhor que eu estou mandando*(sinal vermelho)

– *Desce, desce, passa*! (sinal vermelho)

– *Vai atravessa!* (sinal verde).

E eis que os veículos seguem em perfeita ordem. Satisfeito da vida, ele diz:

– *Ah, ah, ah... Se não obedecer eu passo a caneta...*

Gilberto, "Bocão", como é conhecido, se sente um guarda de trânsito e há mais de vinte anos perambula diariamente pelos sinaleiros do bairro Estados Unidos.

Moradores mais antigos se recordam do jovem Gilberto carregando uma enxada nas costas e oferecendo-se para capinar. "Ele ainda era bom da cabeça", afirma a aposentada Benedita Pegoraro, que se lembra de um velho casarão na rua Osvaldo Cruz onde ele morava com a família. O tempo passou, alguns familiares morreram, Gilberto mudou de casa. Mas não se sabe ao certo quando, como e porque ele colocou na cabeça que era um policial de trânsito. Popular no pedaço, ele conquistou amigos, inimigos, aventuras e desventuras.

O tecelão industrial Everton Freitas conta que uma vez um vizinho incomodado com o barulho do apito tomou-o de Gilberto. "Não adiantou. Pouco tempo depois ele já estava apitando novamente." Francisco Baltazar, motorista que percorre o bairro há treze anos, afirma: "Gilberto já foi atropelado aqui e todos os dias vem vindo com o andador atrapalhando o trânsito... Não é certo deixar ele arriscar a vida deste jeito."

Algumas crianças se divertem com o ponto fraco de Gilberto: o apelido. Embora seja conhecido no bairro como Bocão, ele abomina este qualificativo. Sempre fica zangado e atira tudo que está ao alcance de suas mãos. "As pessoas poderiam ter mais respeito e educação com Gilberto", diz a vizinha Yone Norberto Araújo, opinião também defendida pelos irmãos Marcos Guilherme e Naiara Lopes.

A fruta preferida dele é banana nanica. Já a bebida, um cafezinho passado na hora. Gilberto recebe ajuda de muitas pessoas do bairro. "Temos muito carinho por ele, que até chama minha mãe de madrinha", conta o estudante Caio Ávila.

Gilberto diz que tem uma filha de cinco anos chamada Janaína. Sobre sua "profissão", ele declara: "Eu trabalho graças a Deus... depois que eu estou aqui não está mais acontecendo acidentes. Alguns pagam pelo meu serviço, outros não. Todos, quando eu apito, me obedecem... se não obedecerem eu passo a caneta... ah,ah,ah! Eu sou feliz, graças a Deus..."

E vai se embora o mais famoso "guarda de trânsito" do bairro Estados Unidos, depois de mais um dia de missão cumprida.

issuu-downloader.com

"Rubão, me vê duas Fantas!!!"

A verdadeira história de Rúbio Cerqueira, o vendedor de cachorro-quente que virou um mito da cidade

Fotos: Danielle Maia

Danielle Maia
3º período de Jornalismo

Piada correu o mundo e transformou vendedor de cachorro-quente paranaense em uma celebridade

A cidade de Uberaba é um grande aglomerado de figuras que acabam fazendo parte da vida dos moradores, sem contar que alguns deles viram alvo de gozações antológicas. Mas quando tudo não passa de brincadeiras bem aceitas tanto pelo lado do gozado, quanto do gozador, não é que a história fica até divertida?

Uma das tantas histórias da mitologia urbana uberabense é o caso do Rubão e duas Fantas. Para quem ainda não conhece, há mais de 11 anos Rúbio Cerqueira tem uma barraquinha de cachorro-quente localizada na av. Dr. Fidélis Reis, mais precisamente na calçada da loja Instala Som. A história do apelido Rubão e duas Fantas baseia-se no seguinte causo: estava lá o Rubão fazendo seus cachorros-quentes, quando, de repente, chega um travesti e pede duas Fantas. Detalhe: o cliente estava sozinho. Com uma pulguinha atrás da orelha, Rubão pega as duas Fantas, mas não se contém e resolve perguntar: "Por que duas Fantas?" (coitadinho, deveria ter segurado mais sua curiosidade!). Então, o travesti responde sem a mínima cautela: "Uma pra mim e a outra pra você!".

A partir daí, a história correu e a gozação dos amigos foi ganhando proporção assustadora, totalmente desproporcional ao caso. Através do boca-a-boca, até mesmo aqueles que não conheciam o Rubão ficaram sabendo da história. Aos poucos, os amigos começaram a passar de carro em frente ao lanche e gritar: "Rubãããão, me vê aí duas Fantas, rá rá rá." Em pouco tempo essa gozação contagiou tanta gente que começou a virar tradição. Atualmente, de minuto em minuto passa um carro com alguém gritando: "Rubãão, duas Fantas Rubão!" Nos ônibus que trafegam pela avenida Fidélis Reis, à noite, sempre há meia dúzia de passageiros que nunca deixam de gritar, debruçados nas janelas: "Rubãããão, me vê aí duas Fantas, rá rá rá!" A única reação do pobre trabalhador é a de dar uma "banana" caprichada para os engraçadinhos.

Mas o que muitos não sabem é que, às vezes, fazem gozação com a pessoa errada. Na mesma avenida, só que no começo, também há um lanchinho de cachorro-quente. Assim, alguns desinformados acabam gritando para o "Rubão" errado. Pensando nisso, um grupo de estudantes da Uniube fez um vídeo mostrando o falso e o verdadeiro "Rubão e duas Fantas" e publicaram no *You Tube*. (http://youtube.com/watch? v=b1tjDd2Nwd8). Os mesmos estudantes, como se não bastasse, ainda fizeram um blog em sua homenagem: (http://rubao2fantas.blogspot.com).

A história das duas Fantas já deu tanta repercussão, que já montaram até uma página no *Orkut* em sua homenagem. (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=17764086866199313477). Na verdade, não é precisamente uma homenagem, mas uma gozação mesmo. O Rubão está ficando famoso!

A verdadeira história das duas Fantas

Rubão é uma pessoa muito carismática e cultiva amizades que às vezes começam lá mesmo no lanche. Alguns de seus clientes nem saem do carro, apenas ficam esperando pelo lanche lá mesmo. Outros vão até o carrinho apenas para dar um "oi". Quando me apresentei e disse que se tratava de uma entrevista para uma edição especial do **Revelação** sobre os personagens populares do centro de Uberaba, ele ficou surpreso e um pouco envergonhado. "Vocês não vão me zoar no jornal, né?". Mas Rubão reagiu muito bem às perguntas. O curioso é que, no momento em que cheguei, estava sentado um grupo de amigos e eles comentavam justamente a história das duas Fantas. Mas quando viram que o Rubão seria entrevistado... começou uma zoação total no local! E foi assim que o Rubão fez questão de me contar a verdadeira versão do "Rubão e duas Fantas".

Nos ônibus que trafegam pela Av. Fidélis Reis, sempre há meia dúzia de passageiros que nunca deixam de gritar, debruçados nas janelas: "Rubãão, me vê duas Fantas, rá rá rá!"

Segundo Rúbio Cerqueira, a história que virou mito não é verdadeira, e não passa de uma brincadeira. Sentado em uma mureta em seu lanchinho, ele começa a contar que, com 4 meses de inauguração do lanche, era época de Carnaval na cidade, chegaram dois gays e pediram duas Fantas. Os dois comeram o famoso cachorro-quente e beberam suas Fantas. Rubão, como sempre muito atencioso com os clientes, não lhes faltou com atenção. Porém, essa atenção foi alvo de ironia por alguns de seus "amigos" que estavam no local e, a partir daí, começaram com a brincadeira. Em pouco tempo os clientes foram modificando a história, tornando-a cada vez mais popular.

"Falem bem ou falem mal, falem de mim!", sentencia Rubão. Ele diz que o movimento do lanche não aumentou muito, mas que muitas pessoas que

issuu-downloader.com

chegam vão para conhecê-lo e assim acabam comendo o famoso "cachorro-quente venenoso". Venenoso? Sim, venenoso. Esse é mais um apelidinho que vai para a coleção do Rubão. O cachorro é "venenoso" pelo fato de ter duas salsichas e conter outros generosos ingredientes.

A culpa é do japonês

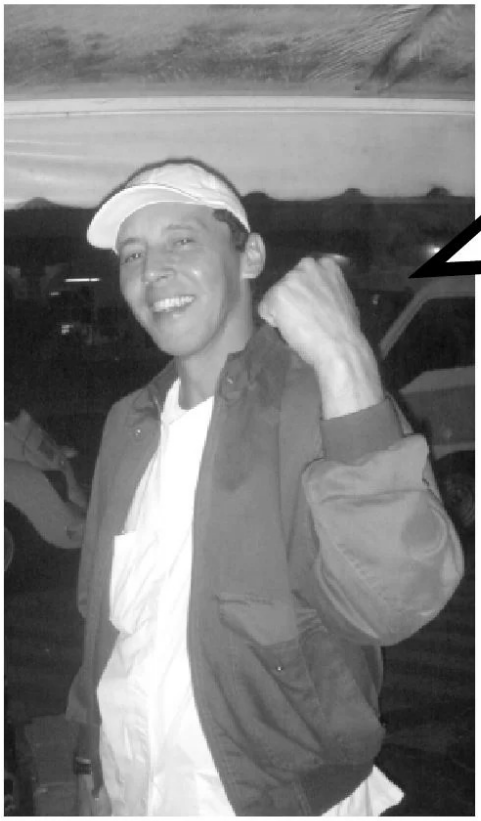
Dizem as más línguas que Rubão tem uma certa "rivalidade" com outro dono de lanchinho, o Mitsuo Hassumi, mais conhecido como Japão, e que sempre surge uma rixa entre os dois... "Puro bláblablá", diz Rubão. "O Japão é muito meu amigo, crescemos juntos. Se não fosse ele, eu nem estaria aqui", diz.

Rúbio Cerqueira é paranaense, de Apucarana, que fica a 60 km de Londrina. Em sua infância conheceu Japão, (isso mesmo, o Japão!), que muitos falam ser seu rival. Eles brincavam juntos quando pequenos, até que o Japão mudou-se para Uberaba, aonde veio tomar conta de um trailer de lanche de seus irmãos. Um dia, quando Japão voltou a Apucarana, eis que surge o convite. "Ele me perguntou se eu queria trabalhar com ele, buscou minhas coisas e eu vim!". Rubão trabalhou com Japão durante um ano e meio, até montar seu próprio lanchinho.

Há mais de 11 anos seu ponto permanece no mesmo local. Ele conta que, fora os amigos, na cidade só tem sua família. Rubão é casado há 23 anos e tem dois filhos, um rapaz de 20 e uma moça de 17. "Tudo o que conquistei, foi com muita força de vontade. Sempre fiz tudo com muito carinho, para ficar bom. Eu gosto do que faço", diz Rubão.

"Dá a salsichinha pra ela, Rubão!"

E para quem acha que já sabe tudo sobre o Rubão, está enganado. Sua habilidosa prática de fazer seus saborosos cachorros-quentes é apenas uma das qualidades que fazem do Rubão um "arrebenta corações" na cidade. Olha que eu não estou mais falando do lendário caso do travesti das duas Fantas!



A "banana caprichada" que Rubão oferece aos engraçadinhos virou sua marca registrada

Rubão, com seu carisma irresistível, acabou conquistando outra figurinha de Uberaba. Alguém se lembra da dançarina mais simpática do Calçadão? Pois é ela mesma, a não menos famosa, Bebel. Dizem por aí que Bebel está cada dia mais apaixonada por Rubão. Sua dedicação é tanta que, sempre que pode, dá uma passadinha no lanche para vê-lo trabalhar, ganhar uma salsichinha e, é claro, vigiar seu partido das mais assanhadas.

Mesmo exausta de tanto dançar o dia todo, ela arruma disposição para ficar admirando seu amado, com direito a declarações e tudo! "Bubão (sic) meu amor, paixão da minha vida!" imita Rubão, quanto às declarações. "Ela acha mesmo que é minha namorada!" diz Rubão. "Mas isso não passa de uma brincadeira": Ele relembra que é casado e, além disso, respeita muito a Bebel.

Larissa Carvalho e Vinícius Flausino
5º período de Publicidade

Para ser **grande**, comece como *Junior*.

A Multi Jr. é uma empresa multidisciplinar de consultoria e assessoria, dirigida por alunos da Universidade, orientados por professores. Entre para a Multi Jr. e dê o primeiro passo da sua vida profissional!

Bloco H, sala 2H117 - e-mail: multijr@uniube.br

MultiJr.
Multiplique seu sucesso!

issuu-downloader.com

A educação em destaque

II Encontro de Licenciaturas da Uniube reunirá professores de Uberaba e região para debater a formação dos educadores

Elizabeth Zago
3º período de Jornalismo

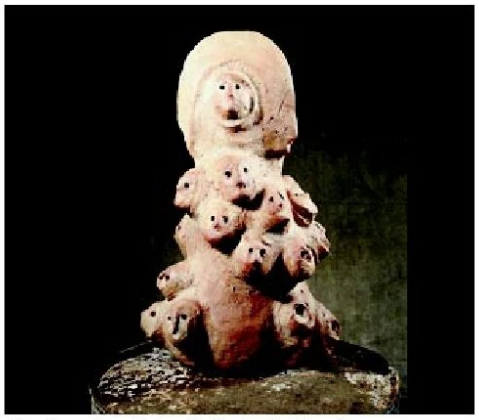
Formar um educador atualizado, participativo e formador de cidadãos responsáveis é tarefa essencial de uma universidade. Para isso, o Instituto de Formação de Educadores da Universidade de Uberaba realizará o II Encontro das Licenciaturas, de 20 a 24 de agosto de 2007, no Campus Aeroporto da Uniube. Esse encontro é voltado para os futuros educadores e também é aberto aos professores das redes municipal, estadual e particular de Uberaba e região.

Neste evento, os alunos, professores e pesquisadores dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, Educação Física, Geografia e Educação Ambiental, História, Letras/Português-Inglês, Letras/Português-Espanhol, Matemática, Pedagogia e Química apresentarão trabalhos e pôsteres, minicursos, mesas-redondas e palestras. Os interessados terão de 07 de maio a 25 de junho para inscreverem seus trabalhos.

Haverá ainda atividades culturais, como uma homenagem ao artista plástico Hélio Siqueira, e apresentações do grupo de teatro organizado pelo professor Nelson, entre outras atrações.

O objetivo principal do Encontro é promover o debate sobre a interdisciplinaridade na formação de professores e na prática docente, além da divulgação de atividades acadêmicas e a troca de experiências entre os educadores.

As incrições para o Encontro serão de 30 de julho a 10 de agosto, na Secretaria do Encontro (Bloco X-sala 31) ou pelo endereço eletrônico http://www.uniube.br/ceac. A taxa é de R$30,00 para quem não é aluno das licenciaturas.



Escultura do artista plástico Hélio Siqueira. que será homenageado no Encontro

Entre os melhores do Sudeste

Curso de Comunicação conquista quatro prêmios na Expocom

Uniube é a segunda instituição de ensino mais premiada em Minas Gerais e a terceira na região Sudeste

O curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) conquistou quatro premiações de 1º lugar na Expocom Sudeste, uma das mais importantes mostras de trabalhos universitários do país. Com isso, o curso da Uniube é o segundo mais premiado de Minas Gerais e o terceiro entre as faculdades do Sudeste, empatando com a Universidade Mackenzie e o Centro Universitário FIEO.

Competiram na Expocom Sudeste 358 trabalhos de 50 instituições de ensino dos quatro estados da região. Na primeira etapa, 163 trabalhos de 41 instituições foram finalistas. Finalmente, 60 trabalhos de 23 faculdades foram premiados. Os estudantes uberabenses superaram, em quantidade de premiações, os colegas de instituições como UNESP, UFMG, PUC-MG, Unicamp, UFJF, entre outras. Os trabalhos vencedores concorrerão na Expocom nacional no 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que será realizado em setembro, na cidade de Santos (SP).

"Sinais", de Laura Facury e Luis Felipe Pimenta, ficou em 1º lugar na modalidade Vídeo-Minuto. "Aruanda. O Ritual Sagrado", de Rodrigo Antônio Matos, Bruna Belela, Luís Antônio Costa Junior e Soraya Borges venceu na modalidade Vídeo-Reportagem. A ilustração "RAFA, de Malhação", de José Adolfo da Silva Júnior, venceu na modalidade Caricatura. "Lula e Bush em Brokeback Mountain", de Rogério Maruno Mesquita, foi o melhor trabalho na modalidade Charge.

A Uniube conquistou ainda dois outros prêmios na Expocom Sudeste. A reportagem "Sobre Vidas e Fósseis", de Mario Sergio Silva, César Antonio e Diego Aragão ficou em segundo lugar na modalidade Vídeo Científico. A vinheta do "Fábrica", de Marília Rodrigues (com o cinegrafista René Vieira), também conquistou o 2º lugar na modalidade Vinheta de TV. "Arqueologia do Quintal", de Pâmela Mendes Moreira, que estava classificado na categoria História em Quadrinhos, não pôde ser apresentado.

Os trabalhos foram orientados pelos professores Celi Camargo e André Azevedo da Fonseca, e contaram com apoio técnico de Emerson Ferreira, Luiz Cledson Lemes Prata, Cícero Francisco Pereira e Renê Vieira.

Confira o ranking da premiação

1º. Lugar: 14 prêmios
Universidade Metodista de São Paulo (SP)

2º. Lugar: 5 prêmios
Centro Universitário Newton Paiva (MG)

3º. Lugar: 4 prêmios
Universidade de Uberaba (MG)
Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP)
Centro Universitário FIEO (SP)

4º. Lugar: 3 prêmios
Universidade Católica de Santos (SP)
Universidade Metodista de Piracicaba (SP)

5º. Lugar: 2 prêmios
Centro Universitário de Belo Horizonte (MG)
Universidade Estadual Paulista (SP)
Centro Universitário de Votuporanga (SP)
Universidade Santa Cecília, Santos (SP)
Instituto Superior de Ciências Aplicadas (SP)
Universidade Federal de Minas Gerais (MG)
Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)

6º. Lugar: 1 prêmio
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (MG)
Faculdades Integradas Rio Branco(SP)
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP)
União das Faculdades dos Grandes Lagos (SP)
Universidade de Taubaté (SP)
Universidade Fumec (MG)
Universidade Estadual de Campinas (SP)
Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas (SP)
Centro Universitário Adventista de São Paulo (SP)

issuu-downloader.com